

# Palimpsestos como forma de reconstituição das paisagens urbanas<sup>1</sup>

*Palimpsests as a way of reconstituting urban landscapes*

Felipe da Silva Rodrigues \*<sup>1</sup>

**Palavras-chave:**  
Antropologia Urbana;  
Paisagem; Palimpsesto,  
Ambiente.

**Resumo:** Este estudo apresenta uma forma de reconstituir as paisagens urbanas de Porto Alegre/RS, Brasil, a partir da refiguração de palimpsestos fotográficos. Os palimpsestos, o ato de se apagar uma escrita para sobrepor uma nova reescrita na mesma superfície, já se encontram figurados na cidade em decorrência dos sucessivos processos de transformação urbana, que sempre deixam vestígios e rastros do que não se transformou. Deste modo, a partir da superposição de fotografias, do passado e do presente, surge uma terceira imagem: um palimpsesto fotográfico, que pode se configurar como uma forma de reconstituição das paisagens urbanas. E, assim revelar alguns dos elementos naturais, que também são constitutivos do ambiente urbano e ao mesmo tempo explicitar as metamorfoses ocorridas nos espaços da cidade ao longo do tempo. Desta maneira, a reconstituição da paisagem urbana, a partir da refiguração dos palimpsestos fotográficos, ao trazer as reminiscências do passado, que seguem no presente, tensionam os processos de transformações urbanas que projetam a cidade para o futuro.

---

<sup>1</sup> Recebido em 08 de maio de 2024; aceito para publicação em 22 de maio de 2024.

\*<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Desenvolvimento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPUR/UFRGS), Brasil. Bolsista PROEX/CAPES. Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FAMECOS/PUCRS). Pesquisador Associado do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/UFRGS) e do Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (GEDURB/UFRGS). [felipe.editoracao@gmail.com](mailto:felipe.editoracao@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-3646-7641>  
<https://lattes.cnpq.br/8171419229468738>

**Keywords:**  
Urban Anthropology;  
Landscape; Palimpsest,  
Environment..

**Abstract:** *This study presents a way of reconstructing the urban landscapes of Porto Alegre/RS, Brazil, based on the refiguration of photographic palimpsests. Palimpsests, the act of erasing a writing in order to superimpose a new rewriting on the same surface, are already found in the city as a result of the successive processes of urban transformation, which always leave traces and traces of what has not been transformed. In this way, from the superimposition of photographs from the past and the present, a third image emerges: a photographic palimpsest, which can be configured as a form of reconstitution of urban landscapes. It reveals some of the natural elements that also make up the urban environment and, at the same time, explains the metamorphoses that have taken place in the city's spaces over time. In this way, the reconstitution of the urban landscape, based on the refiguration of the photographic palimpsests, by bringing the reminiscences of the past that continue into the present, stresses the processes of urban transformations that project the city into the future.*

## Introdução

Esta reflexão apresenta-se como um desdobramento da dissertação de mestrado<sup>2</sup> em planejamento urbano e regional, a qual propõe a criação de um método para a leitura da cidade através da utilização de imagens de um mesmo lugar, no passado e no presente. Essas fotografias, ao serem superpostas, resultam na refiguração de um palimpsesto fotográfico urbano. O termo palimpsesto vem do grego e significa “raspado de novo”. Representado assim o ato de se apagar uma escrita para sobrepor uma nova reescritura na mesma superfície. Porém, “o processo de apagamento, por descoloramento e raspagem da escrita anterior, geralmente não se dava perfeitamente e ela reaparecia, ainda que mais fraca, sob a nova escrita, como uma escrita fantasma” (CAUDURO, 2000, p. 135). O apagamento, assim, não se dá de forma total, pois sempre sobram alguns rastros ou vestígios das escrituras “apagadas”. Deste modo, o território pode ser pensado como um palimpsesto (CORBOZ, 2009)<sup>3</sup>, pois, apesar de estar em

---

<sup>2</sup>Escrituras com imagens: refigurando os palimpsestos fotográficos urbanos de Porto Alegre/RS como uma proposta de método para a leitura da cidade. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/266265>

<sup>3</sup> *Le territoire, tout surchargé qu'il est de traces et de lectures passées en force, ressemble plutôt à un palimpseste. Pour mettre en place de nouveaux équipements, pour exploiter plus rationnellement certaines terres, il est souvent indispensable d'en modifier la substance de façon irréversible. Mais le territoire n'est pas un emballage perdu ni un produit de consommation qui se remplace. Chacun est unique, d'où la nécessité de « recycler », de gratter une fois de plus (mais si possible avec le plus grand soin) le vieux texte que les hommes ont inscrit sur l'irremplaçable matériau des sols, afin d'en déposer un nouveau, qui réponde aux nécessités d'aujourd'hui avant d'être abrogé à son tour. Certaines régions, traitées trop brutalement et de façon impropre, présentent aussi des trous, comme un parchemin trop raturé: dans le langage du territoire, ces trous se nomment des déserts.* (CORBOZ, 2009, p. 87).

constantes remodelações, segue sobrecarregado de traços e escrituras do passado.

Pensar o território como um palimpsesto permite a recuperação da sua dimensão temporal de longo prazo. Arqueologicamente falando, o território passa a ser percebido como estratificado em camadas de tempo, o que abre a possibilidade para a realização da “raspagem” (*mais si possible avec le plus grand soin*), dessas camadas de tempo. Relacionando o território estratificado aos espaços da cidade, um olhar sensível se faz necessário para poder enxergar os rastros e vestígios das camadas de tempo decorrentes das transformações praticadas nos espaços urbanos ao longo do tempo. À vista disto, a cidade se apresenta como um palimpsesto.

A rítmica temporal e a dinâmica urbana fazem com que as cidades estejam em constante processo de criação destrutiva e destruição criativa (ECKERT & ROCHA, 2013, p. 218) remodelando e transformando a suas formas. “A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade” (ROSSI, 2001, p. 57). A forma da cidade “atual” é, portanto, o acúmulo de distintas formas superpostas umas sobre as outras ao longo do tempo.

Na cidade de Porto Alegre/RS, Brasil também é possível a observação dos acúmulos dos processos de modificações urbanas, na configuração da forma da cidade atual. David Harvey aponta para a influência do pós-modernismo nos projetos urbanos, “um conceito do tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um “palimpsesto” de formas passadas superpostas umas às outras e uma ‘colagem’ e usos correntes, muitos dos quais podem ser efêmeros” (2008, p. 69). A noção de uma superposição reforça a ideia de um tempo que se deposita nos espaços das cidades, em camadas. Segundo Gaston Bachelard, “o espaço retém o tempo comprimido” (1996, p. 202), porém não o sobrepõe (soterra), e sim superpõe, pois, algumas camadas de baixo seguem expostas, perceptíveis, na forma atual da cidade. O que, para Sandra Pesavento, “incita ao trabalho de um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto” (2004, p. 26), mas segue perceptível na forma da cidade.

Nesta medida, a cidade, enquanto materialidade, é palimpsesto de formas, que remetem à imagem arcaica do tecido ou trama na qual se superpõem várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis de todos. Igualmente, se as formas se alteram, transformadas pelo tempo que se assenhora do espaço, a função também muda de forma evidente. A Cidade é, sobretudo, exibição da marca do homem num universo mutável, e as sociabilidades antigas cedem lugar às novas. Os prédios tornam-se espaço de novos usos ou, no mais das vezes, as edificações preservadas como patrimônio a zelar, seguem o destino de transformar-se em centros culturais, adaptando-se a novas funções e usos. [...] É preciso ressuscitar o implícito e o invisível à superfície, desenterrando aquilo que não mais se vê: o sugerido, o intuído e pressuposto, o transformado, o desaparecido e o lacunar, o ausente. A cidade, enquanto espaço construído, é também significado, valor e entendimento que teve um dia seu sentido construído e fixado pelos homens. Tais sentidos do passado são como que enigmas ou segredos que é preciso decifrar, pois fizeram daquele espaço um lugar - um espaço dotado de sentido - que tinha a sua inteligibilidade em correspondência histórica com o tempo. (PESAVENTO, 2004. p.27).

Para o registro da dinâmica urbana, a fotografia se apresenta como um dos modos capazes de acompanhar as modificações na conformação da cidade. Entretanto, as

fotografias, do passado ou do presente, por serem fragmentárias, tanto por representarem apenas parcelas da cidade - recortes -, quanto por serem o congelamento de instantes, podem ser consideradas também como camadas de tempo, estratos, pois registraram a forma da cidade em um determinado momento. Com a intenção de explicitar as transformações urbanas, parte-se do princípio que ao se refotografar a fotografia de um determinado lugar da cidade da forma mais próxima possível a realizada no passado, teremos a mesma reapresentação<sup>4</sup>, porém em dois instantes distintos.

Desse modo, ao se colocar uma fotografia do presente por sobre uma fotografia do passado, utilizando um software de edição de imagens, o *Adobe Photoshop*, e retirar 50% da opacidade da fotografia do presente, deixando-a translúcida, é possível enxergar o que está “por debaixo” da atual forma da cidade. Esse procedimento digital se configura como uma refiguração<sup>5</sup> de um *palimpsesto fotográfico urbano*. Uma reescritura do tempo com fotografias revelando o que já estava escrito na cidade<sup>6</sup> e explicitando as metamorfoses nos espaços urbanos.

A refiguração do palimpsesto fotográfico urbano pode ser pensada como um modo de reconstituição das paisagens da cidade. Paisagens urbanas. Recuperando a noção de que as fotografias que compõem a refiguração são fragmentos, tanto da cidade, quanto de parcelas de tempo, George Simmel fala que:

Para a paisagem, é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro; a sua base material ou os seus fragmentos singulares podem, sem mais, surgir como natureza - mas, apresentada como "paisagem", exige um ser-para-si talvez óptico, talvez estético, talvez impressionista, um esquivar-se singular e característico a essa unidade impartível da natureza, em que cada porção só pode ser um ponto de passagem para as forças totais da existência. (SIMMEL, 2009, p.7)

As paisagens tomadas como um devir, um processo de criação motivado. As paisagens urbanas como uma questão de observação e interpretação, como elas dão-se a ver, ou a ler. George Simmel (2009, p. 15) usa uma analogia ao poema ao dizer que o leitor só pode se “apropriar” de tais palavras, se elas já o habitam, tal qual ocorre com as paisagens. Paisagens, ato de ver e sentir.

Assim, a reconstituição das paisagens urbanas, através da refiguração dos

---

<sup>4</sup>A representação, como caracteriza Sandra Pesavento, “não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele” (2003, p.40), uma *reapresentação*. Assim, a fotografia pode ser entendida como uma imagem que *reapresente* a forma da cidade, em um tempo determinado. Um instante congelado, porém, detentor de uma dinâmica própria da urbe dentro de si.

<sup>5</sup>Paul Ricoeur apresenta o conceito de refiguração: “Proponho-me a desimplicá-los do ato da configuração textual e de mostrar o papel do mediador desse tempo da tessitura da intriga entre os aspectos temporais prefigurados no campo prático e a refiguração da nossa experiência temporal por esse tempo construído. Seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado”. (Ricoeur, 1995: 87).

<sup>6</sup>Paul Ricoeur faz uma analogia entre a arquitetura e a narrativa: “una analogía: un estrecho paralelismo entre arquitectura y narratividad: la arquitectura sería para el espacio lo que el relato es para el tiempo, es decir, una operación «configuradora»; un paralelismo entre, por un lado, el acto de construir, es decir, edificar en el espacio, y, por otro lado, el acto de narrar, disponer la trama en el tiempo” (2003, p. 11).

palimpsestos, abre outras possibilidades de ver a cidade. Não apenas a contemplação de uma cidade imóvel no passado, tão pouco, somente a cidade no presente, muito menos uma dicotomia entre duas cidades em tempos distintos. E sim, surge uma nova imagem de uma única cidade em sua dinâmica e ritmo temporal. Para além dos instantes congelados nas fotografias, tem-se o surgimento de novas paisagens urbanas. “Superposição de tempos em um mesmo espaço, eis o palimpsesto tornado cidade; conjugação do cognitivo com a imaginação criadora” (PESAVENTO, 2004, p. 28).

Desse modo, as paisagens urbanas criadas suscitam um tensionamento em relação à constituição da própria urbe. A refiguração dos palimpsestos fotográficos, ao desvelar as camadas superpostas, trazem à tona alguns elementos naturais que estão presentes na cidade, mas nem sempre são percebidos. A preeminência da natureza mesmo nos espaços urbanos. Por mais que muitas vezes as transformações urbanas tenham se dado por meio de processos de aterramento de margens de rios, da abertura de morros, da retificação do curso de arroios, bem como da devastação da vegetação nativa, para ficar no exemplo de Porto Alegre, estes elementos naturais seguem vibrando na memória e na forma da cidade e podem ser observados através da reconstituição das paisagens urbanas. Paisagens urbanas que não representam uma dicotomia entre a natureza e a cidade, mas a soma de ambas. A refiguração dos palimpsestos fotográficos como um modo de explicitar que a natureza está presente na cidade, assim como na cidade ainda há a presença de elementos naturais. Na cidade também reside uma memória ambiental.

Estudar a memória ambiental é rememorar paisagens que, para nós, não mais se encontram nos mesmos lugares, que mudaram suas feições e que perderam sua antiga vibração, mas que, hoje, ainda provocam a imaginação criadora de outras gerações, e por razões diversas das nossas. Sem dúvida, os eventos, os acontecimentos e as situações ditas ambientais assinalam rupturas e perdas para as vidas humanas, às vezes traumáticas, às vezes agradáveis. Mas não nos esqueçamos de que, em todos os jogos da memória ambiental, estão presentes outros humanos e não humanos, uma vez que o ambiente cósmico é igualmente social. (ECKERT&ROCHA, 2021, p.11)

## Desenvolvimento

Apresenta-se aqui um relato de pesquisa<sup>7</sup> das experiências em refigurar palimpsestos fotográficos em Porto Alegre e como revelou as paisagens urbanas nas rerepresentações criadas. A Região Central da cidade, foi a escolhida para a realização da pesquisa por contar com uma quantidade maior, tanto de registros do passado, quanto de transformações significativas que puderam ser evidenciadas através da superposição das imagens.

Foram realizadas buscas por registros do passado dessa região em pesquisas nos acervos de museus, tais como: o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, o Memorial do Legislativo de Porto Alegre, o Museu de Comunicação Hipólito José da Costa e do

---

<sup>7</sup>Pesquisa realizada para a validação do método proposto na dissertação de mestrado: <http://hdl.handle.net/10183/266265>

Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV. As imagens coletadas foram reunidas para realização da categorização núcleos de sentido, e sua classificação através da atribuição de palavras-chave de acordo com os elementos presentes no interior de cada imagem, bem como dados sobre o fundo de origem de onde provieram, além de uma datação aproximada e, na medida do possível, buscou-se dados sobre a sua autoria<sup>8</sup>. Para tanto foi utilizado o *software Adobe Bridge* (Figura 1), um gerenciador de arquivos que permite a adição de metadados. Tais procedimentos foram necessários para o arranjo das imagens coletadas em coleções etnográficas e para a aplicação do método de convergência, como proposto por Eckert e Rocha (2013). Neste sentido:

[a]o trabalhar com coleções etnográficas de imagens presentes e passadas, estamos operando com uma convergência de imagens das quais a imaginação criadora do antropólogo participa intensamente em seu processo de produção de imagens como forma de narrar a cidade, dando a ela um continuum de consciência a si e a todos os outros nelas representados. Portanto, torna-se importante pensar a pesquisa com coleções etnográficas como integrantes da investigação de uma etnografia da duração no âmbito dos estudos das práticas culturais no mundo contemporâneo e dos seus fluxos espaços-temporais. (ECKERT&ROCHA, 2013, p.60)



**Figura 1** - Captura de tela do Adobe Bridge exibindo as possibilidades de adição de metadados nas imagens, coluna da direita, bem como as opções de realização de metabuscas no interior da pasta selecionada, coluna à esquerda. Fonte: Felipe Rodrigues, 2023.

A partir da categorização e classificação das imagens se iniciou a refiguração do

<sup>8</sup>Cabe ressaltar algumas dificuldades relativas às informações sobre as imagens coletadas, quer seja em relação a datação, quer seja em relação a autoria das mesmas. De qualquer sorte foi despendido um esforço para a melhor identificação e creditação das fotografias utilizadas na dissertação.

palimpsesto fotográfico da Av. Borges de Medeiros, uma das principais avenidas da cidade de Porto Alegre, ela por si só já se configura como um grande processo de transformação urbana. Indo da Av. Mauá, ao lado do Mercado Público e rompendo, literalmente, em direção à Zona Sul até a Av. Padre Cacique. Além dessa grande intervenção urbana ocorreu, no mesmo período, a construção do Viaduto Otávio Rocha, ente arquitetônico representativo de Porto Alegre. Logo, a Avenida Borges de Medeiros apresenta-se como um lugar representativo da cidade. E pensando o lugar como a ordem da distribuição dos elementos no espaço (CERTEAU, 1998, p. 201), desse modo, pode-se observar nas imagens reunidas que ocorreram diversas alterações na ordem dos elementos ao longo do tempo na Av. Borges de Medeiros. Configurando-se em estratos, camadas de tempo, que ainda seguem presentes no espaço.



Figura 2 - Três momentos distintos da abertura da Av. Borges de Medeiros. A esquerda, registro das obras; ao centro, registro da finalização da obra; e, a direita, registro da Av. Borges de Medeiros na atualidade. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autorias desconhecidas, década de 1930; e foto: Felipe Rodrigues, 2018.

Pode-se observar três camadas de tempo distintas que re representam as

transformações no espaço decorrentes da abertura da Av. Borges de Medeiros, práticas<sup>9</sup> ocorridas nesse lugar (Figura 2). Coincidentemente, apesar de as imagens não terem sido feitas para isso, há um encaixe entre elas, cada uma com a sua intencionalidade, provavelmente a primeira como um registro do andamento da obra, a segunda como uma retratação da obra finalizada e a terceira decorrente de uma saída de campo realizada pelo pesquisador. O intuito de evidenciar esse encaixe entre as fotografias não é para demonstrar uma progressão desse lugar ao longo do tempo, e sim para ressaltar que é exatamente o mesmo lugar, apenas em temporalidades distintas. As demais imagens reunidas da Av. Borges de Medeiros foram coletadas com esse propósito (Figura 3).

---

<sup>9</sup>Em suma, o espaço é um lugar praticado. (CERTEAU, 1996, p. 202).

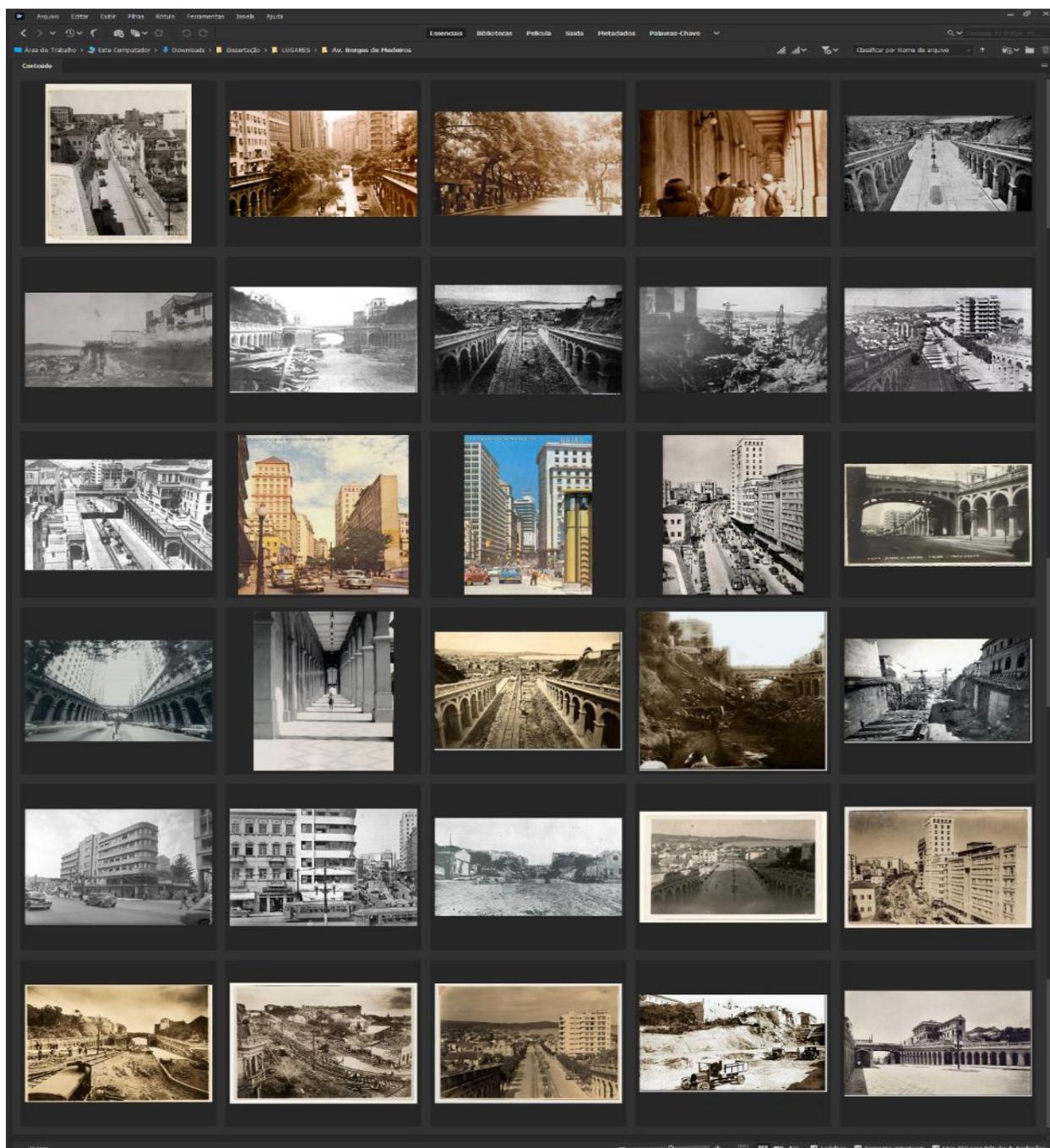


Figura 3 - Captura de tela das imagens categorizadas da Av. Borges de Medeiros.  
Fonte: Felipe Rodrigues, 2023.

Foram criadas coleções que mostram o Viaduto Otávio Rocha em três momentos (construção, conclusão e gestos). As imagens, no interior de cada coleção, acabam ganhando um sentido comum e guiando a escolha das fotografias para a refiguração dos palimpsestos, que já se encontram figurados na cidade, mas nem sempre visíveis. As coleções da Av. Borges de Medeiros sobre o Viaduto Otávio Rocha, apesar de terem uma relação análoga em comum, contando com representações do Viaduto, apresentam outras relações quanto a sua homologia, por apresentarem ligações em momentos

específicos do Viaduto. Como por exemplo, registros do processo da sua construção (Figura 4).

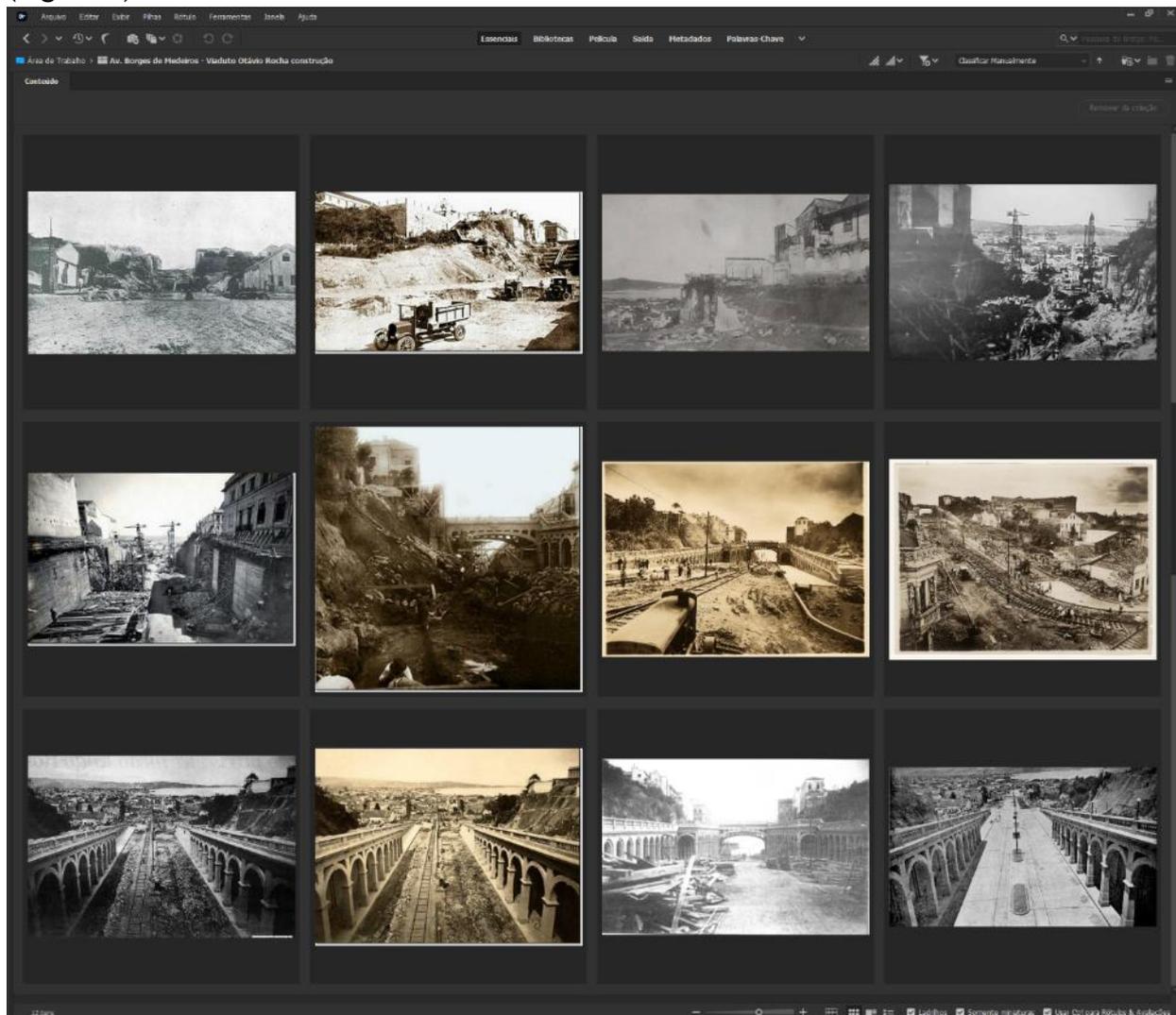
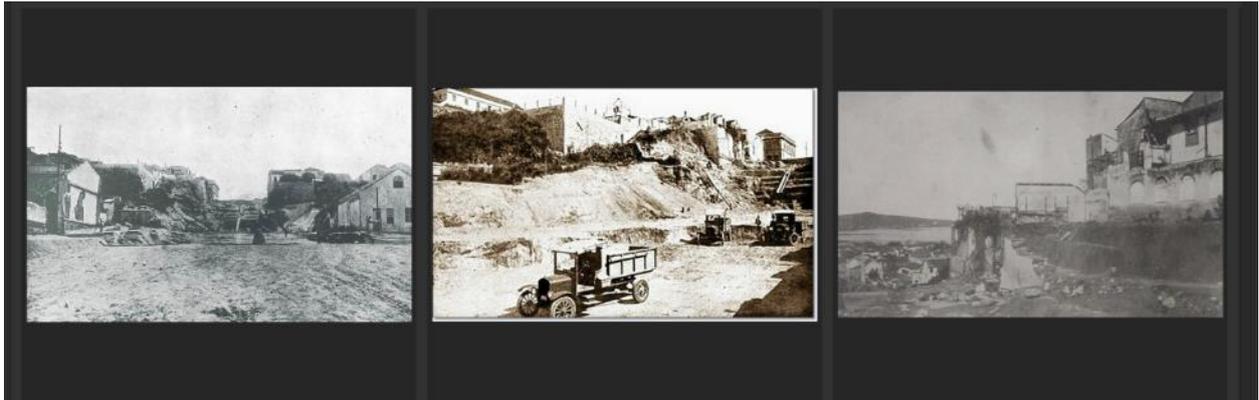


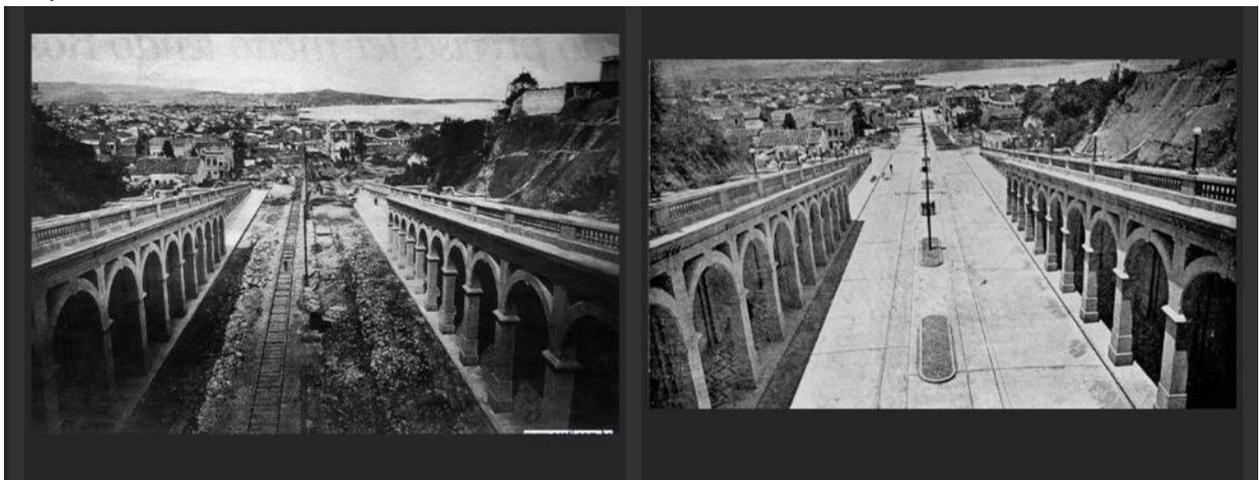
Figura 4 - Captura de tela da coleção da construção do Viaduto Otávio Rocha na Av. Borges de Medeiros. Fonte: Felipe Rodrigues, 2023. <https://www.acervosbiev.com/colecao-memorial-biev/colecao-borges-de-medeiros-abertura/>

A coleção formada por imagens fotográficas que contemplam diferentes etapas da construção do Viaduto Otávio Rocha, desde o princípio da escavação para a abertura da Av. Borges de Medeiros, até fotos que apresentam os equipamentos e os processos da edificação do Viaduto Otávio Rocha. Algumas das imagens não são possíveis de serem reproduzidas na atualidade, seja pelo próprio desnivelamento do terreno decorrente do rebaixamento para abertura da Avenida (Figura 5), seja pela falta de referencial que possibilite um reconhecimento de onde foi tomada a fotografia no passado.



**Figura 5 - Captura de tela com fotografias do início das escavações para a abertura da Av. Borges de Medeiros e foto sem um referencial para a replicação do ponto de tomada. Fonte: Felipe Rodrigues, 2023.**

A partir da categorização das imagens fotográficas em núcleos, referentes aos lugares retratados, e da classificação com palavras-chaves, quanto ao conteúdo presente nas imagens, a convergência, com a intencionalidade de se escolher fotografias para serem refeitas no presente, levou a duas opções (Figura 6): A) uma fotografia que apresenta a Av. Borges de Medeiros ainda em obras; B) outra fotografia que mostra um estágio mais acabado da construção do Viaduto e da Avenida que já conta com o calçamento e o canteiro central.



**Figura 6 - Captura de tela com duas fotografias registradas do mesmo ponto de cima de Viaduto Otávio Rocha. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autorias desconhecidas, década de 1930. Fonte: Felipe Rodrigues, 2023.**

A escolha se deu pela imagem que apresenta as obras (Figura 7), pois a outra fotografia apresenta a linha do horizonte cortada em seu enquadramento, elemento referencial importante de orientação para o pesquisador na intenção de refotografar este panorama da cidade.



**Figura 7 - Fotografia escolhida para ser refotografada. Um panorama registrado de cima do Viaduto Otávio Rocha mostrando em primeiro plano as obras de construção da Av. Borges de Medeiros ligando a Região Central a Zona Sul da cidade de Porto Alegre. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autorias desconhecidas, década de 1930.**

Depois da escolha da imagem, apesar de equipamentos e tecnologias diferentes, foi possível no presente poder se valer da mesma estratégia dos fotógrafos do passado, a utilização da regra dos terços<sup>10</sup>. Mesmo em tempos distintos foi utilizada a mesma linguagem fotográfica. Através da mobgrafia<sup>11</sup> realizou-se os registros na atualidade, o uso do aparelho celular para a tomada das fotografias, em certa medida acaba sendo uma forma rápida e segura para se fotografar na cidade.

---

<sup>10</sup>Regra dos terços, uma estratégia de composição fotográfica, a qual consiste na divisão da imagem em três terços, verticais e horizontais, traçando uma linha em cada um dos terços o que forma uma “grelha” #. Essas linhas, por sua vez, servem de guias para o enquadramento do assunto que se pretende registrar.

<sup>11</sup>Fotografia realizada a partir de aparelhos “mobiles” (dispositivos celulares). O aparelho utilizado foi um celular *Samsung Galaxy S22 Ultra* que contém quatro câmeras: 13mm (*ultrawide*); 24mm (grande-angular); 70mm (telefoto); e 230mm (telefoto periscópica), com até 108 MP de resolução. <https://www.samsung.com/br/smartphones/galaxy-s22-ultra/specs/>



Figura 8 - Foto: Felipe Rodrigues, 2022.

Tomada a fotografia, com o mesmo enquadramento da imagem do passado (Figura 8), o passo seguinte foi a refiguração do palimpsesto do Viaduto Otávio Rocha. Utilizando o *software* de edição de imagens *Adobe Photoshop* é possível trabalhar as fotografias como camadas (*layers*) e realizar a sobreposição das fotos de forma digital ao “arrastar” uma imagem sobre a outra (Figura 9). Desse modo, respeitando as temporalidades, a fotografia do passado, a camada mais antiga, foi usada como base e foi adicionada sobre ela a foto do presente, a camada atual, o que a princípio soterra o panorama antigo. Ficando visível apenas a foto do presente. Em seguida, reduzindo os níveis de opacidade, diminuindo a transparência da foto do presente em 50%, a sobreposição transforma-se em superposição, pois os elementos da fotografia antiga voltam a ficar visíveis por debaixo da camada mais atual.



**Figura 9 - Captura de tela do Adobe Photoshop estetizando o processo de superposição das imagens para a refiguração do palimpsesto. À direita a aba que apresenta as camadas (layers). Fonte: Felipe Rodrigues, 2022.**

Esse procedimento de refiguração destaca o que segue perceptível na forma atual deste lugar, ressaltando o que permaneceu e, ao mesmo tempo, evidencia o que não está mais visível no panorama atual da urbe. Um palimpsesto fotográfico que *reapresenta* as escritas urbanas de Porto Alegre de uma nova maneira. Escrituras com imagens da paisagem urbana (Figura 10).



Figura 10 - Palimpsesto fotográfico do Viaduto Otávio Rocha - construção. Fonte: Felipe Rodrigues, 2022. <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-avenida-borges-de-medeiros/>

Em uma rápida olhada na refiguração do palimpsesto fotográfico criado, percebe-se um embaralhamento nas *representações* da cidade. Quase uma soma de seus tempos, onde não há um presente e um passado, que resulta em um “agora”. Pode ser vista na refiguração um pouco da cidade do passado que segue no presente, e um pouco da cidade do presente que já estava na cidade do passado. Essa terceira *representação* criada apresenta uma paisagem urbana em devir. Quase como se mostrasse os movimentos das transformações ocorridas nesse lugar da cidade. Movimentos que ainda não cessaram e deixam em aberto um vir a ser. O traçado da Avenida Borges de Medeiros segue o mesmo, os arcos do Viaduto Otávio Rocha continuam quase iguais, porém a vista em direção à Zona Sul de Porto Alegre, não. Ela se ocultava por de trás das edificações e agora reaparece marcada nos prédios, tal qual o Guaíba. Quase como se esses elementos naturais, o morro, a enseada e o rio, outrora ocultos, impusessem-se na paisagem urbana criada, reivindicando a sua presença na imagem da cidade.

A paisagem urbana, ao traduzir em imagens as memórias da metamorfose das formas da cidade, se mostra fantasmagórica, “e toda realidade da lembrança se torna fantasmagórica” (BACHELARD, 1996, p. 235). Benjamin ainda completa em uma de suas passagens, “a fantasmagoria é o correlato intencional da vivência” (2009, p.843). As vivências do passado seguem inscritas, mesmo que nem sempre visíveis, na forma atual da cidade, a paisagem criada realça essas inscrições e assim pode voltar a ser lidas pelos

habitantes, humanos e não-humanos, que vivenciam e praticam a cidade.

O flâneur é um desenraizado. Ele não se sente em casa nem em sua classe, nem na sua cidade natal e sim apenas na multidão. A multidão é o seu elemento. A multidão londrina em Engels. O homem da multidão em Poe. A fantasmagoria do flâneur. A multidão como véu através do qual a cidade familiar transparece metamorfoseada. A cidade como paisagem e aposento. A loja de departamentos é a última passarela do flâneur. Lá materializaram-se suas fantasmagorias. (BENJAMIN, p.983)

Observa-se processo semelhante ao refigurar outros palimpsestos fotográficos neste mesmo lugar. Ainda no Viaduto Otávio Rocha, mas agora com imagens fotográficas *reapresentando-o* concluído. A fotografia selecionada para ser refotografada é quase um contra plano da escolhida anteriormente, registrando o Viaduto de baixo, desde a calçada contígua aos arcos de uma das laterais. E tendo ao centro, horizontalmente, a rua Duque de Caxias, que passa em cima do Viaduto, e verticalmente um casarão de três pavimentos (Figura 11).



**Figura 11 - Fotografia selecionada do Viaduto Otávio Rocha concluído. Fonte: Acervo BIEV, autor desconhecido, década 1930.**



Figura 12 - Foto: Felipe Rodrigues, 2023.

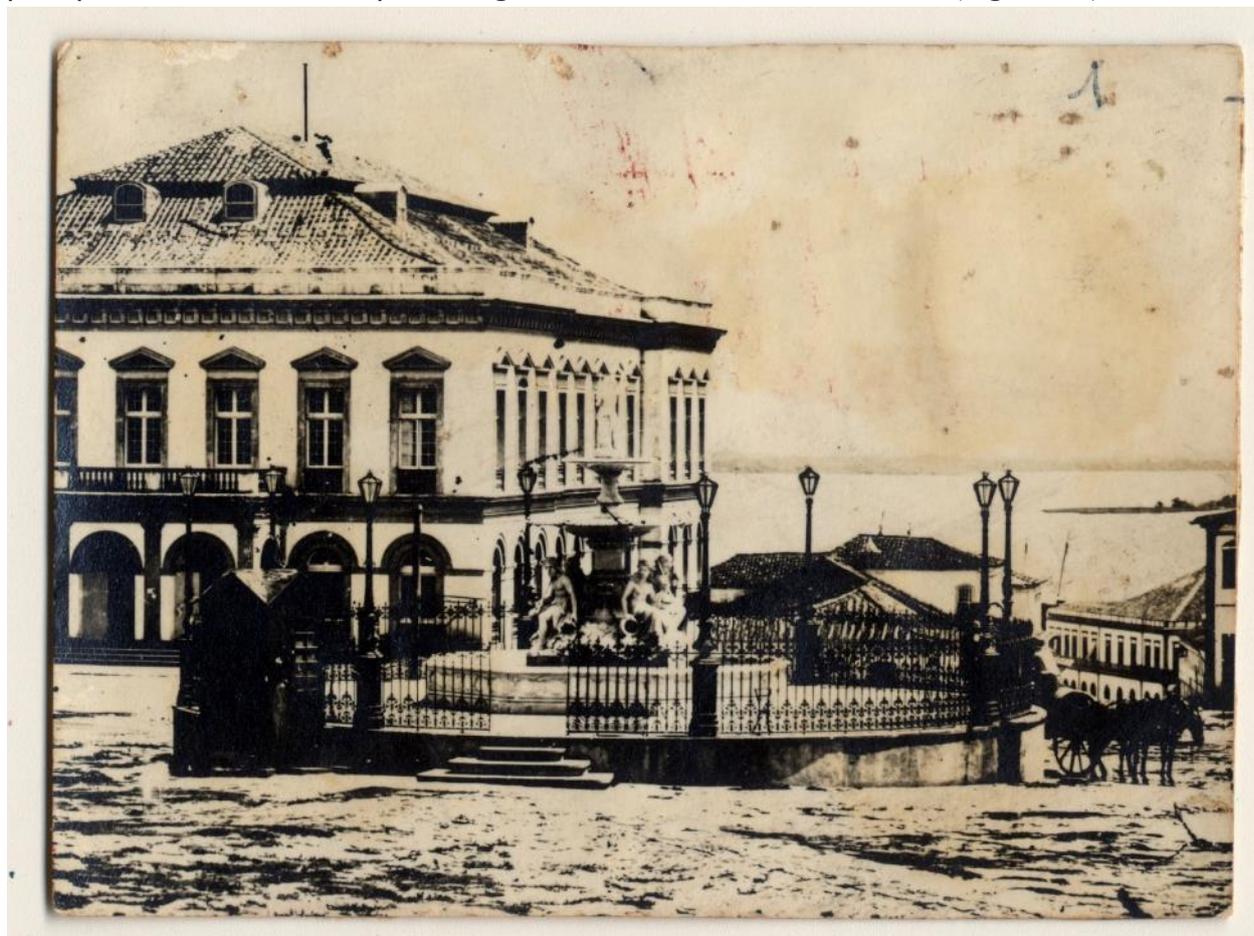


Figura 13 - Palimpsesto fotográfico do Viaduto Otávio Rocha concluído. Fonte: Felipe Rodrigues, 2023. <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-do-viaduto-otavio-rocha-concluido/>

Nesta refiguração do palimpsesto fotográfico tornou-se desafiante, pois apresentou outros elementos, além dos arquitetônicos, para a realização da fotografia no presente. Um deles foi a vegetação que se impõe obstaculizando a tomada da foto, cobrindo os prédios no presente (Figura 12). Porém, foi justamente sobre as árvores da

foto do presente que foi possível a observação das edificações do passado (Figura 13). Desse modo, a natureza se faz presente na paisagem urbana criada. E, justamente a partir dela que emergem as reminiscências do passado que seguem vibrando na paisagem urbana, em uma espécie de memória ambiental da cidade. Carros e pessoas transitando ainda animam a paisagem urbana criada do Viaduto Otávio Rocha, passando alheios à presença do pesquisador, parado na calçada, na tentativa de reenquadrar o tempo ao replicar a fotografia do passado.

Falando em desafios, refigurar o palimpsesto do Theatro São Pedro, exigiu um cuidado mais técnico para realizá-lo. O registro do Theatro, da década 1880, apresentava um ambiente limpo (Figura 14), quase sem nenhuma interferência, a não ser uma carroça atrás da fonte. É importante ressaltar a vista para o Guaíba ao fundo. Situação exatamente inversa à que se tem acessando a Praça da Matriz atualmente no mesmo ponto de vista onde foi tomada a fotografia original no passado. O monumento a Júlio de Castilhos, que substituiu a fonte, obstrui parcialmente a vista da fachada do Theatro e os outros elementos naturais, como o Guaíba, foram totalmente encobertos pelo paredão de edifícios que se ergueu atrás do Theatro São Pedro (Figura 15).



**Figura 14 - Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1880.**



Figura 15 - Foto: Felipe Rodrigues, 2023.



**Figura 16 - Palimpsesto fotográfico do Teatro São Pedro na Praça da Matriz. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1880; e foto: Felipe Rodrigues, 2023. <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-praca-da-matriz-theatro-sao-pedro/>**

Apesar dos desafios a refiguração do palimpsesto fotográfico do Teatro recuperou a vista do Rio Guaíba à Praça da Matriz ao reconstituir uma paisagem urbana. A Praça da Matriz, como aponta Pesavento (1999, p.10), foi o local de “nascimento” oficial de Porto Alegre<sup>12</sup>, no Alto da Praia, justamente porque dali era possível controlar a bacia do Guaíba e seus afluentes e atualmente não se enxerga mais o Guaíba de lá. A cidade “cresceu” em volta da Praça da Matriz, ilhando-a. A paisagem urbana criada reconstituiu o horizonte perdido pelo crescimento da cidade (Figura 16). O Guaíba pode voltar a ser visto do alto da Praça da Matriz, apesar dos prédios, apesar do aterro, apesar do Muro da Mauá, as águas do Guaíba sempre seguirão presentes na memória da cidade.

Por vezes as transformações urbanas trazem uma noção de progresso, o dito crescimento da cidade. Porém, cresce sobre onde? Cresce para onde? A fotografia do topo da escadaria da rua João Manoel esconde isso. Atualmente a escadaria é apenas uma passagem que liga a rua Duque de Caxias e a rua Cel. Fernando Machado (Figura

<sup>12</sup>Por meio de uma provisão régia que criou a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais em 26 de março de 1772.

17), mas que no passado, o topo da escadaria, era um ótimo ponto de vista para a observação do crescimento de Porto Alegre nos idos da década de 1970 (Figura 18).



Figura 17 - Foto Felipe Rodrigues, 2023

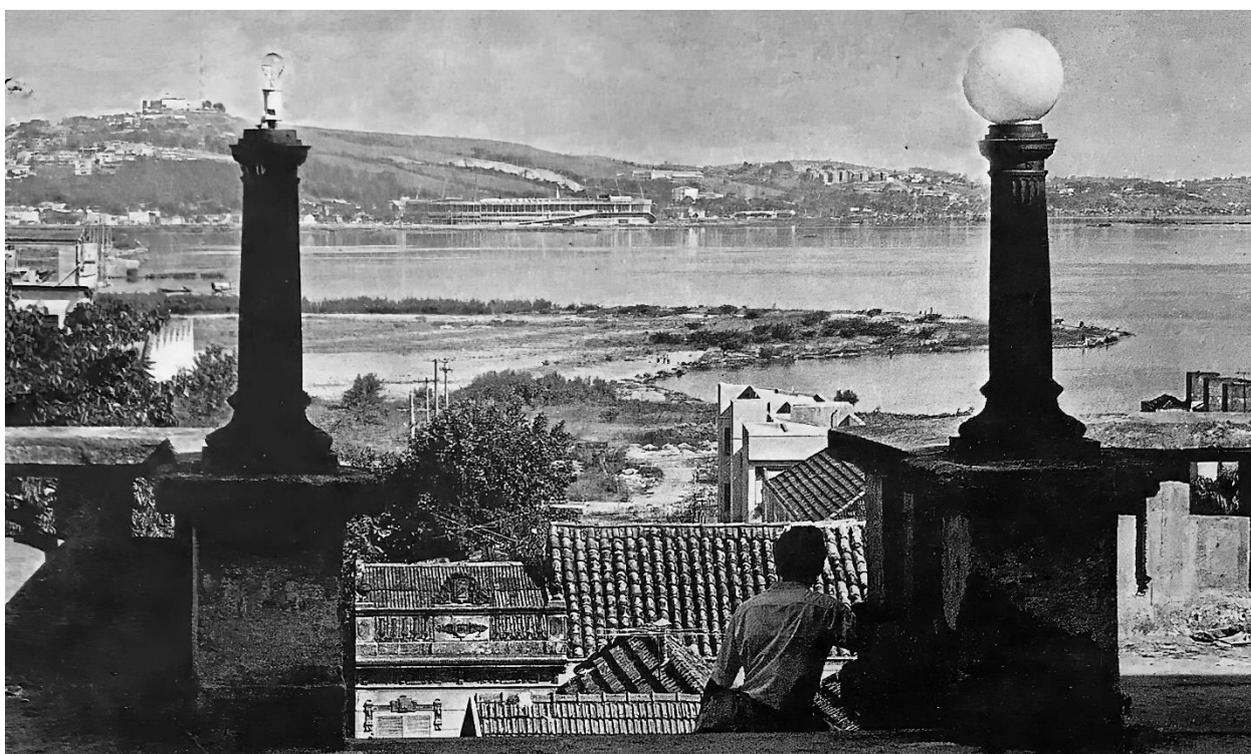


Figura 18 - Fotografia mostrando a visão que se tinha do alto da escadaria da rua João Manoel. Fonte Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de

1970

A escadaria servia como um mirante para se ver o avanço da cidade por sobre o Guaíba. O princípio do processo de aterramento em direção à Zona Sul da cidade. A paisagem criada a partir da refiguração do palimpsesto fotográfico da escadaria perpassou o paredão de edifícios que se ergueu encobrendo a vista (Figura 19). O horizonte se revela na nova imagem criada da escadaria. Diferentemente dos postes de luz, o horizonte não foi suprimido da cidade, apenas ocultado pelas diversas camadas de edificações e aterro que se entrepuseram entre ele e a escadaria ao longo do tempo. O Guaíba, suas águas, suas margens e o morro seguem vibrando na memória ambiental da cidade.

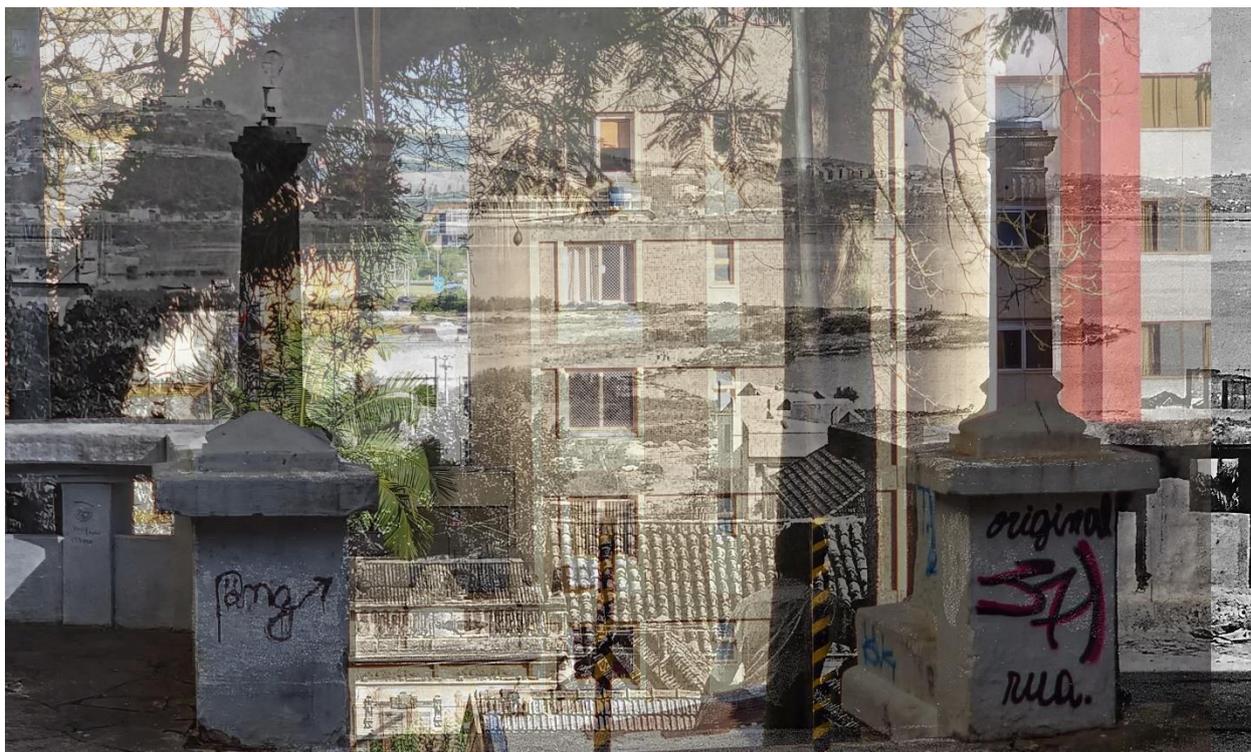


Figura 19 - Palimpsesto fotográfico da escadaria da rua João Manoel. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1970; e foto: Felipe Rodrigues, 2023. <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-praca-da-matriz-escadaria-da-rua-joao-manuel/>

Ainda sobre o crescimento urbano, agora em relação a elevação do seu horizonte, por conta da altura dos prédios que foram sendo construídos ao longo do tempo na Região Central da cidade, a refiguração do prédio da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul revela-se como um bom exemplo disto (Figura 20). A paisagem urbana criada da Biblioteca acabou por evidenciar o novo horizonte citadino com a linha do *skyline* mais alta. O céu que se mostrava ocupava quase que o terço superior inteiro na fotografia do passado (Figura 21), apresentando o prédio da Biblioteca de forma imponente, contrasta bastante com as nesgas do que sobrou do céu na fotografia do presente (Figura 22), a qual, agora, apresenta o prédio da Biblioteca exprimido pelos edifícios altos ao seu redor.

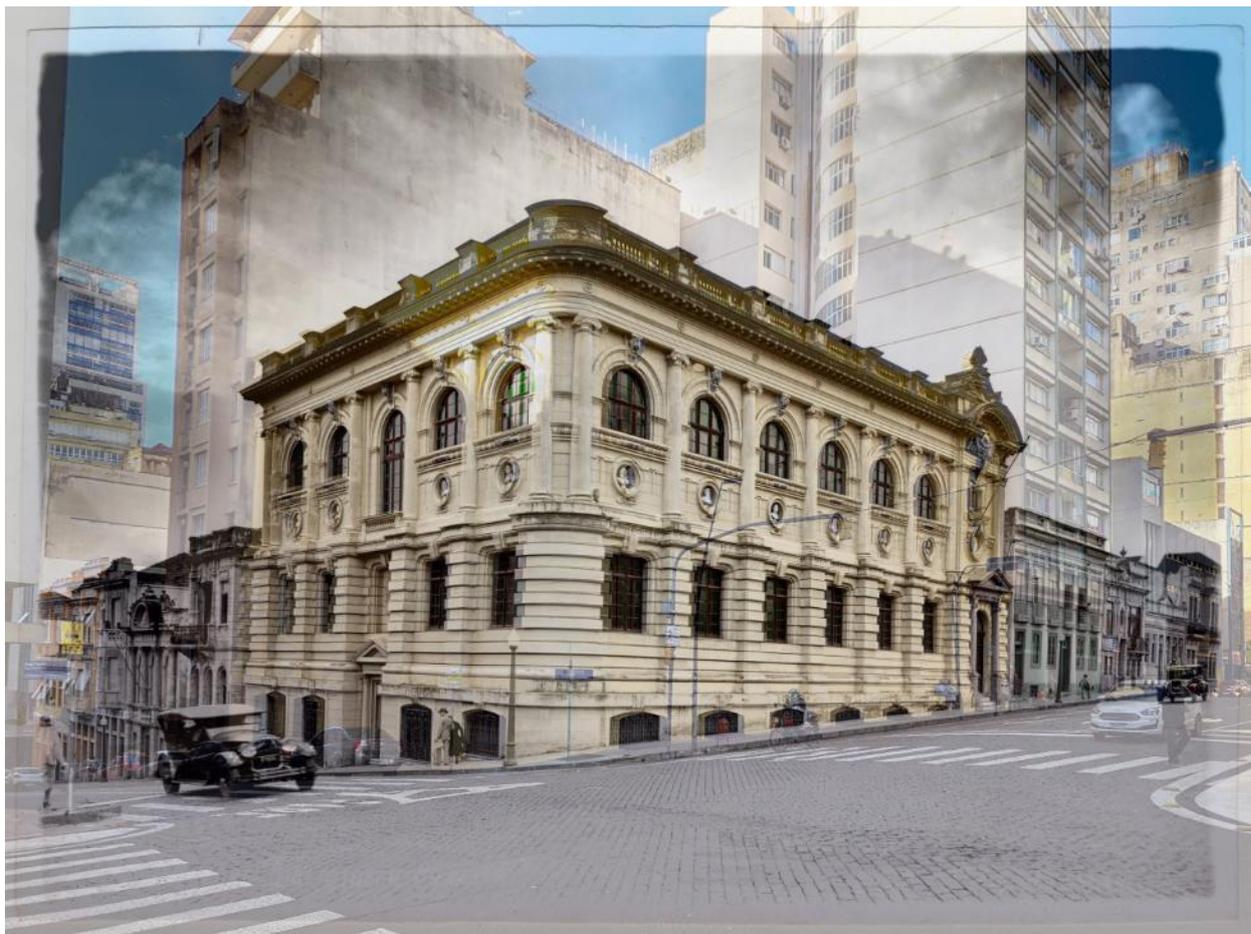


Figura 20 - Palimpsesto fotográfico da Biblioteca Pública do Estado do RS. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1910; e foto: Felipe Rodrigues, 2023. <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-praca-da-matriz-biblioteca-publica-do-rs/>

A reconstituição da paisagem urbana não traz à tona apenas questões ligadas ao passado da cidade, mas também tenciona questões para o futuro do planejamento urbano de Porto Alegre. Atualmente está sendo discutido o impacto de edificações muito altas no Centro Histórico da cidade<sup>13</sup>, porém pode ser observado que isto já estava posto na refiguração do palimpsesto fotográfico do prédio da Biblioteca Pública ao figurar como a altura dos prédios em seu entorno alteraram drasticamente a paisagem urbana do local. Logo, a memória ambiental não diz respeito apenas sobre o passado da cidade.

---

<sup>13</sup> <https://sul21.com.br/noticias/geral/2023/08/novo-empreendimento-de-41-andares-no-centro-fara-sombra-no-palacio-piratini/>



Figura 21 - Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1910.



Figura 22 - Foto: Felipe Rodrigues, 2023.

Cabe ressaltar, que apesar da dicotomia entre as duas fotografias, uma da década de 1910 e a outra da década de 2020, mais de um século separando os dois registros, é possível notar também algumas similitudes entre as imagens. O movimento dos carros, ambos entrando na cena, um subindo e o outro descendo a rua, as seis pessoas que estão retratadas na cena, com destaque para o casal de pedestres dobrando a esquina, devolvem o cotidiano a representação e a conexão dela com o tema urbano. Dessa forma, a paisagem urbana criada mostra também outros aspectos da cidade além das transformações. O cotidiano citadino segue a sua própria dinâmica perdurando independentemente dos processos e transformações que ocorram nos espaços. Os habitantes da cidade seguem suas práticas cotidianas inscrevendo suas retóricas caminhatórias (CERTEAU, 1999, p. 200) na memória da cidade.

Ainda sobre o cotidiano, a paisagem urbana da Rua dos Andradas (Figura 23) traz o embaralhamento dos habitantes da cidade, em tempos distintos, transitando na calçada em frente à sede do jornal Correio do Povo, na esquina da Rua das Andradas com a antiga rua Paysandú, atual rua Caldas Júnior. Pessoas, do passado e do presente, atravessando a rua em meio aos veículos que passam por ali, uma cena tão comum que une as duas representações e corrobora o pensamento de que, apesar das transformações urbanas, o cotidiano, segue se perpetuando nos espaços da cidade.



Figura 23 - Palimpsesto fotográfico da Rua dos Andradas com a rua Caldas Júnior. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, década de 1920; e foto: Felipe Rodrigues, 2023. <https://www.acervosbiev.com/colecoes-fotograficas/palimpsesto-fotografico-urbano-andradas/>

## Conclusão

As refigurações dos palimpsestos fotográficos tiveram a intenção de evidenciar as metamorfoses das formas nos espaços da cidade, porém, a partir delas também é possível observar uma reconstituição das paisagens urbanas. As refigurações, então, se mostraram capazes de desvelar as camadas de tempo depositadas nos espaços, possibilitando a realização de uma *raspagem* nas formas da cidade. Uma cidade *palimpséstica*. O conceito de palimpsesto aplicado em relação a temas urbanos quase sempre aparecia empregado apenas metaforicamente à cidade (BAILY, 2007; BOTTÀ, 2012; KHIRFAN, 2010; TURGUT, 2021). Desse modo, a refiguração dos palimpsestos, a partir de fotografias, apresenta-se como uma maneira de transposição visual do conceito de palimpsesto, aplicando-o à cidade de forma pragmática.

Importante ressaltar que os palimpsestos fotográficos requerem uma atitude hermenêutica de decifração e de desvelamento para a percepção do que está/estava

oculto na paisagem. Contudo, as refigurações dos palimpsestos não têm a pretensão de trazer respostas sobre as dinâmicas da cidade, mas tiveram o intuito de proporcionar novos campos de possibilidade ao reconstituir as paisagens urbanas, outras versões possíveis sobre Porto Alegre. Versões que não substituem as atuais, que escovam “à contrapelo” (BENJAMIN, 2009, p. 922) os processos de transformações que ocorreram na cidade, e venham a corroborar para um maior e melhor entendimento sobre a própria cidade. Reapresentam uma nova imagem sobre a cidade. Uma imagem que não representa mais o tempo passado da cidade, tão pouco representa o tempo presente da cidade. Uma imagem que abre “possibilidades de futuro” (SANTOS, 1999, p.16), pois sempre será possível a adição de mais camadas ao palimpsesto fotográfico, bem como ocorrerão novas transformações na forma da cidade. Logo, a nova imagem criada, uma paisagem urbana, configura-se como um modo de representar o movimento da dinâmica cidadina. Em devir.

As paisagens urbanas, apresentam-se como uma questão de observação e interpretação. Como elas se dão a ver, ou a ler. Tal qual a refiguração dos palimpsestos fotográficos, as paisagens urbanas não representam uma dicotomia entre a natureza e a urbanidade, muito pelo contrário, as paisagens urbanas ressaltam os elementos naturais que seguem vibrando na forma e na memória da cidade. Uma memória ambiental urbana. A apreensão da paisagem, a partir da percepção do indivíduo em relação à natureza, como coloca Simmel (porém que pode ser pensado também em relação a cidade), e as formas que o cercam, fragmentando em pedaços e logo religando-os ao todo através de uma nova instância perceptiva. As possíveis leituras advindas da refiguração dos palimpsestos fotográficos também são motivadas segundo a percepção e intenção de quem as lê, tal qual ocorre em relação a uma paisagem.

Como seres humanos integrais, estamos perante a paisagem, natural ou artística, e o acto que para nós a suscita é, de forma imediata, contemplativo e afectivo, que só na reflexão ulterior se cinde nestas particularidades. Artista é tão-só aquele que realiza este acto plasmador do ver e do sentir com tal limpidez e força que absorve integralmente em si o material fornecido pela natureza e o recria como que a partir de si; enquanto nós, os outros, permanecemos mais atados a este material e, por isso, costumamos sempre perceber este ou aquele elemento particular, onde o artista efectivamente apenas vê e modela uma “paisagem”. (SIMMEL, 2009, p.17)

Por fim, o processo de leitura das refigurações suscitam a imaginação de quem as lê, recriando um imaginário sobre a cidade, seus lugares, seus elementos, seus indivíduos, suas práticas e suas memórias. Tal qual a reconstituição de uma paisagem urbana. Refigurar para reter memórias.

## Referências bibliográficas

BACHELARD, G. A intuição do instante. Trad. Antonio de Pádua Danesi (2ª ed.). Campinas/SP: Verus Editora, 2010.

- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BAILEY, G. Time perspectives, palimpsests and the archaeology of time. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 26, n. 2, p. 198-223, 2007.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Tradução de Irene Aron; Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BENJAMIN, W. *A origem do drama barroco alemão*. 1a ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. 2a ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BOTTÀ, G. Berlin as urban palimpsest. *Villes invisibles et ecritures de la modernite*, p. 43-54, 2012.
- CAUDURO, F. V. Design gráfico & pós-modernidade. *Revista FAMECOS*, n. 13, p. 127-139, 2000.
- CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. 1. ed. Brasília: ABA, 2015.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *DA. Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. 1a ed. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *DA. Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas*. [s.l.] ABA Publicações, 2021.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- KHIRFAN, L. *Traces on the palimpsest: Heritage and the urban forms of Athens and Alexandria*. *Cities*, v. 27, n. 5, p. 315-325, 2010.
- NEWHALL, Beaumont. *Historia de la fotografia*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.
- PESAVENTO, S. J. *O Desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social*. *Cultura Vozes*, n. 5, p. 34-44, 1995.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória Porto Alegre: Espaços e Vivências*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidades/UFRGS, 1999.
- PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PESAVENTO, S. J. *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*. *Esboços (UFSC)*, v. 1, n. 11, p. 25-30, 2004.
- RICOEUR, P. *Arquitectura y narratividad*. *Arquitectonics: Mind, Land & Society*, n. 4, p. 9-29, 2002.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP Papyrus, 1995.
- RODRIGUES, Felipe. S. *Escrituras com imagens: refigurando os palimpsestos fotográficos urbanos de Porto Alegre/RS como uma proposta de método para a leitura da cidade*. 2023. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Programa de

Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

ROSSI, A. A arquitetura da cidade, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, M. Território e o saber local: algumas categorias de análise. In: Cadernos IPPUR, ano XIII, nº 2: 15 - 26, 1999.

SIMMEL, G. A Filosofia da Paisagem. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia: Press, 2009

TURGUT, H. Istanbul: The city as an urban palimpsest, *Cities*, v. 112, p. 103-131, 2021.